



# A DOMINAÇÃO MASCULINA, O PRECONCEITO E O PROGRAMA “*ESQUENTA!*”

Thais Fernanda MARQUES\*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar trechos do programa dominical “*Esquenta!*”, da Rede Globo de Televisão, utilizando quadros que abordam o tema “*piriguetes*”, a fim de descobrir se, nesses recortes, o discurso utilizado condiz com o lema do programa que é “*xô preconceito!*”.

Para a realização das análises propostas serão utilizados os conceitos de estudos da recepção de Stuart Hall, com enfoque nas três posições hipotéticas de decodificação de um discurso televisivo, sendo elas: posição hegemônica-dominante, código negociado e código de oposição.

## PALAVRAS-CHAVE

Dominação masculina; Comunicação; Estudos da Recepção.

---

\* Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: [thaisfm@gmail.com](mailto:thaisfm@gmail.com)

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O “*Esquenta!*” é um programa dominical veiculado pela Rede Globo de Televisão, com apresentação de Regina Casé e participação de convidados, alguns fixos, dentre eles, artistas e cantores (principalmente de pagode e samba). O programa de auditório e entretenimento trabalha com diversas temáticas e abordagens que envolvem a periferia, de modo geral, e tem como lema oficial a frase: “*xô preconceito*”.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar o discurso utilizado pela apresentadora do programa, Regina Casé, e de seus convidados. É importante salientar que os achados teóricos são relativos apenas ao *corpus* da pesquisa. Isto é, serão utilizados quatro recortes de episódios que tratam sobre o tema “*piriquetes*”, a fim de descobrir se nesses recortes o programa faz uso de estratégias para, de alguma forma, combater a dominação masculina, e assim seguir o seu mote/lema, ou apenas reforça esse posicionamento por meio do discurso proferido.

Para a realização das análises serão utilizados os conceitos de posições hipotéticas de codificação e decodificação, sob a luz das Teorias da Recepção de Stuart Hall (2003). Em seu artigo Codificação/Decodificação, o autor busca compreender o processo de comunicação, principalmente a recepção das mensagens, levando em consideração o contexto sócio-histórico no qual os receptores estão inseridos. Hall (2003) nega a participação passiva da audiência no processo comunicativo, além de demonstrar o poder ideológico das mensagens, citando possíveis atitudes dos receptores diante das mesmas, diferenciando-as em três posições hipotéticas de decodificação, sendo elas: posição hegemônica-dominante, posição negociada e de oposição, que darão base às análises do presente trabalho.

## TEORIA DA RECEPÇÃO

A proposta de Stuart Hall (2003), encontrada no artigo Codificação/Decodificação, é discorrer sobre a participação ativa da audiência no momento da recepção das mensagens televisivas, negando o modelo linear de comunicação, que considerava apenas emissor, mensagem e receptor, tratando o último como passivo. Para o autor (2003), deve-se considerar a circulação das mensagens e seus efeitos no público e não apenas a transmissão de conteúdo nos meios de comunicação.

A partir disso, Hall (2003) define momentos de codificação e decodificação, considerando fatores externos que possam modificar sentidos. Aqui entra a bagagem cultural do receptor, que participa ativamente do processo comunicativo. “Todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e tempo particulares, desde uma história e uma cultura que são específicas” (HALL, 2003, p. 116). Sendo assim, a mensagem é uma estrutura complexa de significados, que pode ser decodificada de diversas maneiras, dependendo de uma determinada memória comum e dos chamados sentidos preferenciais. O autor explica esses sentidos como “toda a ordem social enquanto conjunto de significados, práticas e crenças” (HALL, 2003, p. 397), que simbolizam ideologias/pensamentos impostos pela sociedade. Cada indivíduo é dotado de conhecimentos, experiências e uma memória comum própria, de acordo com religião, tradições, cultura, estudos, etc.

O receptor, então, decodifica a mensagem de acordo com sua própria estrutura de entendimento, memória, contexto social e cultural, sentidos preferenciais, etc. A estrutura das mensagens é determinada, mas não é possível controlar o momento de decodificação por parte do receptor. Sobre isso, Costa (2012) cita que:

[...] não havendo determinismo na relação produção/consumo, também não se pode problematizar a recepção de forma homogênea. Um mesmo grupo, num dado momento, pode fazer determinada leitura da realidade a partir de códigos hegemônicos e, em outro dado momento, a partir de códigos contestatórios. Mais uma vez posto, nem há determinismo nem tampouco homogeneidade na recepção (COSTA, 2012, p.114).

Por tal complexidade apresentada, a recepção não consegue ser linear e transparente, pois não existe homogeneidade na audiência. Portanto, segundo Hall (2003), deve-se considerar o contexto cultural e sócio-histórico de cada indivíduo no momento da recepção. Oliveira (2008), em seu artigo intitulado “A hipótese da codificação negociada: sobre a (im)provável orientação crítica da programação da Rede Globo de Televisão”, enfatiza que Hall (2003):

[...] analisa o momento da produção de mensagens como sendo composto por meios(instrumentos) e relações sociais de produção, as quais são permeadas pelas ideias e sentidos discursivos próprios daqueles ali envolvidos. Porém, este não é um momento fechado em si mesmo. Sendo a recepção o momento onde a comunicação se realiza, onde a mensagem é consumida de forma ativa e não passiva, os receptores são, ao mesmo tempo, também produtores da mensagem, visto que, inclusive, embora o momento da produção seja predominante, porque é o ponto de partida para a concretização da mensagem, esta é elaborada levando-se em consideração, também, suposições sobre a audiência (OLIVEIRA, 2008, p.06).

Sendo assim, o receptor participa do processo de comunicação interpretando, modificando e, por vezes, produzindo mensagens, de acordo com código e contexto social em que o mesmo está inserido ou se identifica. Sobre o processo de comunicação, o autor (2003) defende ser uma “complexa estrutura em dominância”, relacionando produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução das mensagens como fatores interligados. A mensagem torna-se então um bem simbólico. Diante disso, Costa (2012) reforça que:

Stuart Hall e seu modelo “encoding and decoding” (codificação e decodificação) é um instrumento bastante prático de como pensar operacionalmente as distintas formas de recepção dos meios de comunicação de massa, já que reconhece uma sutileza basal no estudo do consumo cultural: o que é produzido não necessariamente é interpretado da forma pretendida pelos codificadores (COSTA, 2012, p.120).

Segundo Hall (2003), existem três posições possíveis para a decodificação de uma mensagem televisiva, sendo elas: posição hegemônica-dominante, código negociado e código de oposição. A posição hegemônica-dominante refere-se à decodificação da mensagem segundo as referências de construção da mesma, ou seja, quando o receptor entende exatamente aquilo que o transmissor quis dizer. “Ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida” (HALL, 2003, p. 366). Dessa forma, a comunicação seria perfeitamente transparente, pois o receptor opera dentro do código dominante da mensagem. Grande parte da audiência trabalha com esse código hegemônico operado pela mídia, que para o autor (2003) é:

[...] (a) que define dentro de seus termos o horizonte mental, o universo de significados possíveis e de todo um setor de relações em uma sociedade ou cultura; e (b) que carrega consigo o selo da legitimidade – parece coincidir com o que é “natural”, “inevitável” ou “óbvio” a respeito da ordem social (HALL, 2003, p. 401).

Nesse sentido, Costa (2012, p. 115) cita que existe conexão entre os estudos de Hall e Gramsci quando se trata do conceito de hegemonia.

[...] sobretudo porque existe a noção de que algumas mensagens/códigos que pretendem ser hegemônicos não obtêm pleno sucesso, ou seja, como estão envolvidas numa arena de luta pelo consentimento, nem sempre são aceitas.

Em relação à posição negociada, pode-se apontar que, por sua vez, é quando o receptor negocia com a mensagem, concordando com algumas condições e discordando de outras. Segundo Hall (2003, p. 401),

[...] decodificar, dentro da versão negociada, contém uma mistura de elementos de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras - funciona com as exceções à regra.

Já a posição denominada de oposição, na esteira teórica de Hall (2003, p. 402), como o nome sugere, acontece quando o receptor da mensagem entende o conteúdo da mesma mas o rejeita, se opõe ao significado dominante do discurso. “Um dos momentos políticos mais significativos é aquele em que os acontecimentos que são normalmente significados e decodificados de maneira negociada começam a ter uma leitura contestaria”. Sob esse viés, é possível compreender que o código de oposição nada mais é do que um espaço de luta, a “luta no discurso”.

## ANÁLISES

Para as análises deste trabalho, foram utilizados quatro recortes de cenas do programa “*Esquenta!*”, veiculado pela Rede Globo de Televisão. Falas isoladas da apresentadora Regina Casé e seus convidados serão analisadas, levando em consideração os temas dos episódios escolhidos e o contexto das discussões, sob a luz dos Estudos da Recepção de Stuart Hall (2003).

### Sequência de análise 01

Programa do dia 08/01/2012

Tema do programa: “*Piriquetes*”

Quadro: Calourão

Tema: Competidora mais “*nem*” do “*Esquenta!*”

Duração da cena: 45 segundos

**Figura 1.** Regina Casé apresentando o quadro “Calourão”, dia 08/01/2012.



Fonte: <http://globo.com/redesociedade/v/calourao-elge-a-competidora-mais-nem-do-esquenta/1759768/>

**Figura 2.** Lucas e Leo, convidados do programa “*Esquenta!*” do dia 08/01/2012.



Fonte: <http://globo.com/redesociedade/v/calourao-elge-a-competidora-mais-nem-do-esquenta/1759768/>

**Fala 01 - Regina Casé:** "Hoje, aqui, é um programa de safadeza e um programa de ‘nem’, tá, ‘nem’? ‘Nem’ que é ‘nem’ tem unha de acrígel, tem fio 3D, tem aquele shortinho o menor

possível, o colant branco até aqui, entre o shortinho e o colant uma tatuagem aqui e outra tatuagem aqui, correto? E aqui esse colant é todo aberto no meio e sai um piercing, de preferência com luz, tá? E aqui tem outro piercing, e aqui tem outro piercing. E eu trouxe dois caras que entendem muito de ‘nem’, o Lucas e o Leo, descreveram até o manual da ‘nem’.”

**Fala 02 - Regina Casé:** “Diz aí, a primeira coisa pra ser ‘nem’ é o que? Chamar todo mundo de ‘nem’, é isso?”

**Fala 03 - Leo:** “Chama todo mundo de ‘nem’. Isso. Nada de ‘moço’, ‘cara’, não. É ‘nem’.”

O programa “*Esquenta!*” do dia 08 de janeiro de 2012 tinha como tema principal as “*piriguetes*”, termo pejorativo comumente utilizado para caracterizar mulheres que usam roupas curtas e buscam diversão, também vistas como mulheres “fáceis”. Para Nascimento (2008), em seu artigo intitulado: “Piriguetes e putões: representações de gênero nas letras de pagode baiano”, o termo “*piriguetê*”:

aciona o sentido de uma sexualidade desbragada, da mulher fora de normas sociais, aproximando da prostituta, aquela que representa, no modelo da modernidade, a outra, a não casta, a não pura, excluída das práticas sociais por não ter a função da reprodução, do casamento e de criar filhos. Aquela que é desviante de um modelo construído na modernidade e que se tornou um modelo de mulher submissa dirigida para o casamento, ou seja, destinada para o espaço doméstico (exercendo o papel de esposa, mãe), a Amélia que era a ‘mulher de verdade’ (NASCIMENTO, 2008, p.03).

Observa-se que o diálogo se baseia no discurso que a apresentadora Regina Casé utiliza para anunciar o quadro “Calourão” (fala 01), que tinha como intuito eleger a garota mais “*nem*” do programa. Regina, logo em sua primeira frase, afirma que aquele seria “*um programa de safadeza*”, exaltando a ideia de que “*piriguetê*” é uma mulher que não se encaixa nos padrões de moral e bons costumes instituídos pela sociedade, que pode ser associada à devassidão, pecado, libertinagem sexual. Dizer que o programa seria de safadeza e de “*nem*”, permite a construção da imagem de que aquelas garotas apresentadas no quadro seriam vulgares, promiscuas, por exemplo. Mulheres que usam roupas curtas ou se envolvem com mais de um parceiro sexual são julgadas pela sociedade como indignas, visão machista e dominante do ser mulher como propriedade do homem. Helena Altmann e Carlos José Martins discorrem sobre o tema no artigo “Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia”, e citam que:

Ter diversos parceiros sexuais é algo condenado para as mulheres, enquanto o mesmo não ocorre em relação aos homens. No máximo, são criticados por se relacionarem

com mulheres que adotam esse comportamento (ALTMANN e MARTINS, 2009, p.74).

Na sequência, a apresentadora descreve todas as características de uma “*nem*”, como a unha de acrígel, o fio 3D, o shorts curto, colant branco todo aberto, tatuagens e muitos piercings. Essa definição feita por Regina possibilita a decodificação da mensagem por meio de um pensamento machista imposto pela sociedade. Sendo assim, a mensagem transmitida pela apresentadora é que “*nem*” é uma “*piriguete*”, que, por sua vez, é uma mulher sem interdições de moral, como disse a apresentadora na frase do início do quadro Calourão: “*hoje é um programa de safadeza e de ‘nem’*”.

Nesse momento percebe-se que “*nem*” e “*piriguete*” são termos que caracterizam mulheres que não se adequam às normas de conduta feminina tradicionais, fruto de um posicionamento machista, religioso e dominante na sociedade. Para Bakhtin (2006 p. 38) “a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for, ela acompanha e comenta todo ato ideológico.” Sendo assim, os termos pejorativos utilizados no quadro carregam em si (des)qualificações ideológicas de mulheres que são coisificadas. Essas mulheres comumente são tidas como produtos erotizados, simples objetos de desejo que existem para o consumo dos homens.

Bourdieu (1999), em sua obra “A dominação masculina”, disserta sobre a violência simbólica presente na visão machista da sociedade, a relação de submissão à que a mulher é exposta diariamente. A violência não se caracteriza apenas pelo ato físico, mas sim qualquer agressão psicológica, tal qual utilizar-se de termos pejorativos para se referir ao ser mulher. Diante disso, o autor (1999) cita que:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/ baixo, masculino/ feminino, branco/ negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 1999, p. 47).

Na fala 02, Regina pergunta a Léo qual a primeira coisa para ser uma “*nem*”. Léo responde que o primeiro passo é chamar todo mundo de “*nem*”, e não utilizar outros termos como “cara” ou “moço” (fala 03). Analisando tal diálogo, pode-se concluir que a figura da “*nem*”, além de utilizar roupas curtas e chamativas, acessórios e modificações corporais, também se

caracteriza por um modo de falar específico, assim como a gíria “*nem*”, que é o diminutivo da palavra “*neném*”, palavra básica do vocabulário de uma “*nem*”.

Tendo em vista que a apresentadora apenas retrata o modo que essas garotas se vestem, seus acessórios, jeito de falar, andar e se comportar, sem se aprofundar no assunto, apenas reafirmando a ideia de que aquelas mulheres são “*piriquetes*”, ou seja, longe da moral e dos bons costumes (o que também é uma posição machista e dominante), pode-se enxergar o posicionamento hegemônico de dominação masculina presente na fala de Regina, o pensamento comum de que a mulher não pode usar roupas curtas, ter alguma modificação corporal e se envolver com mais de um parceiro sexual e ainda ter valores.

Diante disso, Bourdieu (1999, p.126) cita que “ser ‘feminina’ é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade”, ou seja, para o homem é natural ficar com várias mulheres, é sinal de virilidade, masculinidade. Para a mulher, ficar com mais de um homem é indigno, imoral.

Nesse sentido, pode-se observar que, nos trechos citados acima, as falas de Regina Casé e seus convidados sobre as mulheres taxadas de “*piriquetes*” caracterizam o posicionamento machista de que o ser feminino não pode se distanciar de sua feminilidade, ou seja, não pode apresentar traços relacionados à conduta do masculino.

## Sequência de análise 02

Programa do dia 08/01/2012

Tema do programa: “*Piriquetes*”

Duração da cena: 30 segundos

**Figuras 3 e 4:** Regina Casé e Carolina Dieckman, dia 08/01/2012.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=73Mrbzu0vOA>

**Fala 01- Regina Casé:** “Ela, a mais gostosa, mais esplendorosa, ela parece um sol, é aquela coisa assim amarelinha, deliciosa, animada, que pula, cheia de vida. É ela, a Teodora, é ela a ‘piriguete’, minha comadre, Carol Dieckman. Carol, o que você tem da Teodora e o que a Teodora tem de você?”

**Fala 02 - Carolina Dieckman:** “Eu não tenho nada dela, mas ela tem tudo meu.”

**Fala 03 - Regina Casé:** “Não, mas por exemplo assim, quando você põe uma roupa da Teodora e fala assim: ‘caraca, eu nunca imaginei que eu ia gostar dessa roupa, mas to achando que eu vou usar um negocinho desse aqui’.”

**Fala 04 - Carolina Dieckman:** “Mais ou menos né. O bofe em casa não deixa. Só na televisão. A roupa da Teodora é uma loucura né, uns vestidos que eu dou três passos e o vestido já...”

**Fala 05 - Regina Casé:** “É, eu não posso falar como eu chamo esse tipo de vestido...”

**Fala 06 - Carolina Dieckman:** “Nem eu. Aparador de...”

**Fala 07- Regina Casé:** “É, abajur de...”

Esse trecho também foi retirado do episódio sobre “*piriguetes*”, que foi ao ar no dia 08/01/2012. O diálogo analisado acontece entre a apresentadora Regina Casé e sua convidada, Carolina Dieckman. O tema da conversa é a vida pessoal e trabalhos que a atriz estava realizando na época, focando na personagem que Carolina interpretava na novela “*Fina Estampa*”, também da Rede Globo. A personagem de nome Teodora era taxada como “*piriguete*” por usar roupas curtas e que chamavam a atenção, além de muitas cores vibrantes, decotes, fendas etc.

Regina pergunta o que ela tem da personagem Teodora e o que a personagem tem dela (fala 01). Nesse recorte, a pergunta de Regina tem como intuito descobrir se Carolina Dieckman, como pessoa, tem alguma das características da personagem que interpreta na novela, a Teodora, que é vista como uma “*piriguete*”. Carolina responde que não tem nada de Teodora, mas que a mesma tem tudo dela (fala 02).

Regina pergunta se Carolina não usava as roupas da personagem fora de cena (fala 03), que seriam roupas curtas, justas ao corpo, chamativas, etc. Roupas de “*piriguete*”. Carolina prontamente responde que “*o bofe em casa não deixa*” (fala 04), comentando também sobre o tamanho dos vestidos. Regina ressalta que não pode falar como se refere a esse tipo de vestido (fala 05), e Carolina concorda, definindo a vestimenta como “aparador de...” (fala 06), e Regina também cita como “abajur de...” (fala 07).

Nesse trecho, pode-se notar o posicionamento hegemônico de dominação masculina logo quando Regina define a personagem Teodora como “*piriguete*” apenas pelo modo como a mesma se veste (vestidos curtos, colados, chamativos). Pode-se observar também a estereotipação da mulher, o nítido posicionamento machista em relação à maneira como o ser mulher se veste e se comporta na sociedade. Em seguida, quando Carolina diz que não tem nada da personagem, deixa claro que não se considera uma “*piriguete*”, impondo a visão de que as mesmas podem ser mulheres indignas, exemplos a não seguir.

Podemos ver também o posicionamento machista quando a atriz diz que não usa as roupas da personagem fora de cena pois “*o bofê em casa não deixa*”, ressaltando a ideia de que mulheres que usam roupas curtas são vulgares e sem valor. Essa visão transmite a posição hegemônica-dominante machista de que o homem tem controle sobre o corpo da mulher, o direito de escolher como a mesma se veste, como se porta, e que a mulher deve aceitar tais condições. Lourdes Bandeira (2003), em seu artigo intitulado “Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006”, reflete sobre essa posição de poder que o homem tem sobre a mulher:

Ainda é conduta própria do homem latino, sentir-se possuidor da mulher e com direitos sobre ela. Para alguns, até o direito sobre a vida e morte da mulher. Há os que consideram tal comportamento como “natural”, uma vez que a socialização viril potencializou as situações de dessimetrias na performance dos gêneros (BANDEIRA, 2009, p.409).

Verifica-se, mais uma vez, que o posicionamento machista se faz presente na fala da apresentadora e convidada, quando as duas dialogam sobre vestido curto, utilizando termos como “aparador de...” e “abajur de...”, interrompendo o fim das frases, deixando o sentido interdito. Nesse momento, ambas deixam de concluir o pensamento, mas deixam subentendido a visão machista, reafirmando que roupas curtas são sinônimo de vulgaridade e fogem dos padrões instaurados pela sociedade, da boa conduta que o ser mulher deve ter.

### Sequência de análise 03

Programa do dia 08/01/2012

Tema do programa: “*Piriguetes*”

Duração da cena: 35 segundos

**Figura 5.** Regina Casé e grupo Art Popular, dia 08/01/2012.



Fonte: <http://globo.com/redesociedade/v/requenta-art-popular-canta-e-fala-da-moda-periguete/2204018/>

**Figura 6.** Regina Casé e Pedrinho Black, dia 08/01/2012.



Fonte: <http://globo.com/redesociedade/v/requenta-art-popular-canta-e-fala-da-moda-periguete/2204018/>

**Fala 01 - Regina Casé:** “Vocês acham que tá aumentando o número de ‘piriguite’? Porque antigamente era assim, tinha várias meninas, uma ‘piriguite’ aqui, outra ali. Agora tem várias ‘piriguites’ e ali no meio você acha uma menina ali.”

**Fala 02 - Pedrinho Black:** “Uma que não seja ‘piriguite’ né.”

**Fala 03 - Regina Casé:** “Exatamente.”

**Fala 04 - Pedrinho Black:** “Mas acho que por esse fato mesmo, porque virou um negócio legal a mulher se assumir como ‘piriguite’, pra muitas delas. Então, acho que como ta tendo esse espaço elas tão se assumindo, tão começando a reconhecer isso e tão começando a aparecer. Eu acho que elas já existiam, só que elas tavam meio camufladas...”

**Fala 05 - Regina Casé:** “Ah, as ‘piriguites’ tão vindo à tona então.”

**Fala 06 - Pedrinho Black:** “Escondidas atrás daquele frasco de santinha, sabe?”

Esse diálogo também fez parte do episódio que foi ao ar no dia 08/01/2012, falando sobre “*piriguites*”. Nesse momento, temos a apresentadora, Regina Casé, conversando com Pedrinho Black, integrante do grupo de pagode Art Popular, sobre o aumento do número das “*piriguites*”. Regina pergunta ao grupo se eles acham que o número de “*piriguites*” está aumentando. Na sequência, complementa dizendo que “*antigamente tinha várias meninas, uma ‘piriguite’ aqui, outra ali. Agora tem várias ‘piriguites’ e ali no meio você acha uma menina ali.*” (fala 01). Pedrinho Black concorda com a apresentadora (fala 02).

A apresentadora, ao dizer que antigamente o número de “*piriguites*” era menor e ao diferenciar “*piriguites*” de meninas na frase “*agora tem várias ‘piriguites’ e ali no meio você acha uma menina ali*” (fala 01), sugere que as “*piriguites*”, que seriam mulheres que ameaçam os padrões tradicionais de conduta feminina, não podem ser consideradas “meninas”, como qualquer outra. Vê-se nesse trecho do diálogo o claro pensamento machista de que “*piriguite*” não representa o padrão social que estipula o que deve ser uma mulher, pois mulher dentro dos padrões aceitos seria somente aquela que se veste de acordo com as normas da sociedade, que cuida da casa, dos filhos e, principalmente, que se envolve apenas com um homem. Altmann e Martins falam sobre a visão machista de que a mulher que se relaciona com mais de um parceiro é indigna, conforme o trecho a seguir:

[...] ainda tem discriminação em relação à garota que fica com vários meninos. Eles podem, mas elas não podem. [...] O menino pode pegar várias garotas. Isso aí ainda é considerado como triunfo. Ela não. Se ela ficar com vários garotos ela é cachorra, ela é mal falada, ela é uma garota fácil (ALTMANN e MARTINS, 2009, p.128).

Em seguida, Pedrinho Black responde a pergunta inicial da apresentadora, sobre o número de “*piriguites*” estar aumentando. O músico diz que “*virou um negócio legal a mulher se assumir*

como *‘piriguete’*”, que está surgindo espaço e elas estão se assumindo. Ressalta também que acha que as *“piriguetes”* já existiam, só estavam camufladas (fala 04). Regina brinca dizendo que as *“piriguetes”* estão vindo à tona (fala 05) e Pedrinho Black conclui dizendo que elas estavam escondidas atrás de um frasco de santinhas (fala 06).

Pedrinho Black quando responde *“virou um negócio legal a mulher se assumir como ‘piriguete’”* e diz que está surgindo espaço para esse tipo de mulher (fala 04), impõe o pensamento de que mulheres que usam roupas curtas, chamativas, decotes, fendas e se relacionam com mais de um parceiro sexual (as taxadas *“piriguetes”*), não tinham espaço na sociedade. Nessa fala podemos analisar a visão de dominação masculina de que a *“piriguete”* não deve ser tratada/vista como a representação tradicional da mulher de família, pois não se encaixa nos padrões de bons costumes ou da moral instituída. Nesse aspecto, Lourdes Bandeira (2008) acredita que:

As mulheres ainda são vistas pelos homens – e muitas ainda se vêem –, na condição de parte integrante de um cenário dessimétrico e tradicional, com ausência de direitos individuais e subjetivos, restritas e inferiorizadas nos espaços e sistemas legais, assim como nas discursividades sociais (BANDEIRA, 2009, p.411).

Nesse recorte, pode-se perceber também a presença do posicionamento hegemônico-dominante de que *“piriguetes”* são mulheres sem certas condutas morais quando Pedrinho Black cita claramente que as mulheres estavam escondidas em frascos de santinhas (fala 06) e, quando se assumem *“piriguetes”*, se mostram o oposto, ou seja, mulheres sem interdição de moral, sem valores.

#### Sequência de análise 04

Programa do dia 18/08/2013

Tema do programa: Sem tema central

Duração da cena: 1 minuto e 50 segundos

**Figuras 7 e 8.** Regina Casé e Gabriel Valim, dia 18/08/2013.



**Fonte:** <http://globo.tv.globo.com/rede-globo/esquenta/v/sucesso-absoluto-gabriel-valim-explica-o-que-e-uma-menina-piradinha/2766232/>

**Fala 01 - Regina Casé:** “Gabriel, chega pra cá. Eu queria saber: ‘piradinha’ seria sinônimo de ‘piriguete’?”

**Fala 02 - Gabriel Valim:** “‘Piradinha’ que eu falo na música é a menina que vai pra festa, que vai pra curtir, que vai pra cuidar dos meninos mas que não fica com ninguém e tal. Aí, quando bebe, aí ela fica ‘piriguete’.”

**Fala 03 - Regina Casé:** “‘Piradinha’ é um estágio antes da ‘piriguete’?”

**Fala 04 - Gabriel Valim:** “É, mais ou menos isso.”

**Fala 05 - Regina Casé:** “Pode tá nevando que ‘piriguete’ não tem frio, já repararam nisso?”

**Fala 06 - Luane:** “É a marca registrada, pá não perde assim, pá não mistura com as outras garota, porque elas quer ser a mais. Aí nunca. Onde eu moro é assim Regina. Elas não aceita usar casaco e calça, ou bota calça e top ou top de calça, é sempre revezando.”

**Fala 07 - Regina Casé:** “Agora eu queria saber uma coisa, como é que as ‘piradinhas piriguetes’ fazem lá no sul, com aquele frio. Elas também saem assim, gente?”

**Fala 08 - Gabriel Valim:** “Do mesmo jeito. Do mesmo jeito.”

**Fala 09 - Luane:** “E não fica doente, Regina.”

**Fala 10 - Gabriel Valim:** “E não fica doente.”

**Fala 11 - Regina Casé:** “Como é que é isso?”

**Fala 12 - Luane:** “Eu saio de calça, casaco, pego uma garoa e já fico de cama.”

**Fala 13 - Regina Casé:** “Mas é que ela é muito direita. Aline, cê jura que não sente frio?”

**Fala 14 - Aline:** “Frio é psicológico. Com isso tudo aqui eu vou sentir frio? A gente chega na festa ‘piriguete’ e depois fica ‘piradinha’.”

**Fala 15 - Regina Casé:** “A ela ta dizendo que tem uma inversão.”

**Fala 16 - Gabriel Valim:** “Então aqui no rio de janeiro é diferente de lá do sul, né?”

**Fala 17 - Regina Casé:** “Paola, você ta andando na rua e alguém grita ‘o piriguete’?”

**Fala 18 - Paola:** “Oi, ta boa? É comigo?”

**Fala 19 - Regina Casé:** “Essa é uma mão de ‘piriguete’, e tem que ter aquela cabecinha também né.”

**Fala 20 - Gabriel Valim:** “Parece aqueles cachorros que ficam atrás do carro, sabe?”

**Fala 21 - Regina Casé:** “Parece mesmo, atrás do táxi assim.”

O trecho acima foi retirado do episódio veiculado no dia 18 de agosto de 2013, em que Regina Casé conversa com o cantor Gabriel Valim, que interpreta a música “piradinha”, Luane (convidada fixa) e mulheres que se denominam “*piriguetes*”. O programa não tinha tema central definido, mas Regina direciona o diálogo para o tema “*piriguetes*”.

No primeiro momento, Regina pergunta para Gabriel se “piradinha” seria sinônimo de “*piriguete*” (fala 01). O cantor responde que a menina descrita em sua música vai para a festa curtir sem ficar com ninguém, mas que depois de beber fica “*piriguete*” (fala 02). Regina, então, complementa dizendo que “piradinha” é um estágio antes da “*piriguete*” (fala 03) e Gabriel diz que é mais ou menos isso (fala 04).

Diante da fala do cantor, percebe-se a visão machista de que quando a mulher vai para a festa se divertir sem se relacionar com homens ela é digna, ainda se encontra dentro dos padrões da moral e bons costumes. Ao dizer que depois de beber a mulher fica “*piriguete*”, Gabriel desvaloriza o ser mulher por se envolver com homens em festas, utilizando-se do termo pejorativo “*piriguete*” para caracterizar a mulher que bebe e procura diversão, prazer, sexo. Nesse sentido, Soares (2012) acredita que:

[...] piriguete é uma classificação de mulheres conhecidas por estarem na balada, geralmente solteiras, que escolhem com quem e quando querem “ficar”, autosuficientes e que não se importam com a opinião alheia. A piriguete não costuma ser bem vista pelo público feminino e muitas vezes nem mesmo com o masculino. Tachada de vulgar, ocupa um espaço de identidade invisível, uma vez que reforça um deslocamento de um certo caráter moral e de um habitus socialmente inscrito (SOARES, 2012, p.59).

Em seguida, a apresentadora afirma que pode estar nevando que “*piriguete*” não sente frio (fala 05). Luane concorda dizendo que é uma marca registrada das “*piriguetes*” para não se

misturar com as outras meninas (fala 06). Regina então pergunta aos convidados como as “*piriquetes*” do sul se vestem no frio (fala 07) e Gabriel responde que as vestimentas são as mesmas (fala 08). Luane complementa dizendo que as “*piriquetes*” não ficam doentes (fala 09) e que ela usa calça, casaco e ao pegar uma garoa já adoece (fala 12). Regina então diz que isso é porque Luane é muito direita (fala 13) e pergunta para Aline se ela realmente não sente frio (fala 13). Aline diz que frio é psicológico (fala 14).

Nesse recorte, Regina utiliza de uma frase de senso comum quando se trata de “*piriquete*”: “pode estar nevando que ‘*piriquete*’ não sente frio” (fala 05), que estereotipa as vestimentas utilizadas pelas mulheres, fazendo julgamento das roupas curtas e dando espaço para a associação à indecência. Luane cita que as roupas curtas seriam a marca registrada das “*piriquetes*” para não se misturar com as outras mulheres, o que caracteriza o posicionamento hegemônico de que “*piriquetes*” não são como qualquer outra mulher, pois não se enquadram nos padrões impostos pela sociedade.

No artigo “A Violência Simbólica da Mídia contra a Mulher”, Manuela Lira e Ana Veloso discorrem sobre a violência simbólica sofrida pelas mulheres diariamente nos MCM, que tratam o ser mulher como objeto sexual:

A violência simbólica confere poder aos Meios de Comunicação em reproduzir o estereótipo patriarcal que relega uma posição de subalternidade à mulher, apresentando-a como inferior ao homem. Dessa forma, pode servi-lo como seu objeto de prazer e de consumo ideológico (fetiche), sexual. (LIRA e VELOSO, 2008, p.02).

Quando Regina questiona o comportamento das “*piriquetes*” do sul, fazendo referência às temperaturas mais baixas, e Gabriel diz que o modo de se vestir é igual em ambas as regiões, pode-se observar novamente a estereotipação das mulheres que usam roupas curtas sendo taxadas como “*piriquetes*”. Luane cita que mesmo usando roupas quentes adoece fácil, enquanto as “*piriquetes*” nunca ficam doentes. Regina, então, diz que isso é porque Luane é uma mulher muito direita, insinuando que mulheres que usam roupas curtas não são “direitas”, enfatizando, novamente, a dominação masculina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas no presente trabalho a partir dos quadros selecionados do “*Esquenta!*”, conclui-se que, com base no modelo de Stuart Hall (2003), sob a esfera de estudos de

posições hipotéticas de decodificação de um discurso televisivo, o programa se destaca por reproduzir pensamentos hegemônico-dominantes, principalmente de dominação masculina e preconceito contra a mulher.

Nas análises realizadas não foram encontrados casos de código negociado ou de oposição nos discursos proferidos pela apresentadora, Regina Casé, e seus convidados. Sendo assim, o programa acaba por não seguir o seu mote que é “*xô preconceito*”, haja vista que, pelo menos no *corpus* da pesquisa, todos os recortes denunciavam a presença de discursos amparados na dominação masculina (visão machista) e até mesmo na violência simbólica contra a mulher.

O programa tem como objetivo combater o preconceito, porém, o que se vê, ainda que de forma pontual, como se demonstra nas análises, é uma retratação da posição hegemônica que alicerça a realidade de quase todo o público telespectador do programa.

A essa luz, verifica-se que o preconceito, o machismo, quando em relação à expressão “*piriguete*”, nada mais é do que uma reprodução hegemônica e dominante que atravessa o imaginário da sociedade. Na verdade, não há neste caso sobre o termo “*piriguete*” espaço no programa para aquilo que Stuart Hall chamou de código de oposição, ou melhor, luta no discurso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena; MARTINS, Carlos José. **Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia.** In: Educar, n. 35, p. 63-80, Curitiba: Editora UFPR, 2009.

BANDEIRA, Lourdes. **Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006.** In: Sociedade e Estado, v. 24, n. 02, p. 401-438, Brasília, maio/ago, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem – problemas e fundamentos do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** [Trad. Maria Helena Kühner]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

COSTA, Jean Henrique. **Stuart Hall e o modelo “encodinganddecoding”:** por uma compreensão plural da recepção. In: Revista Espaço Acadêmico, n. 136, setembro, 2012.

DEJAVITE, Fábila Angélica. **INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo.** São Paulo: Paulinas, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LIRA, Manuela; VELOSO, Ana. **A Violência Simbólica da Mídia contra a Mulher**. Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, PE. 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0536-1.pdf>. Acesso em 02 de junho de 2015.

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes. **“Piriguetes e putões”**: representações de gênero nas letras de pagode baiano. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. UFSC, 2008.

OLIVEIRA, Vantiê Clínio Carvalho. **A hipótese da codificação negociada**: sobre a (im)provável orientação crítica da programação da rede globo de televisão. In: Revista Eletrônica Inter-legere, n. 03, julho/dezembro, 2008.

SOARES, Thiago. **Conveniências performáticas num show de brega no Recife**: Espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriguetes e cafuçus. In: Comunicação e Entretenimento: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens, v. 19, n. 01, Recife, 2012.